

Livros como portfólios

Books as Portfolios

Roger Chartier

Collège de France | Paris | FR
University of Pennsylvania (Penn)
Philadelphia | PA | US
Roger.Chartier@ehess.fr
<http://orcid.org/0000-0002-6008-9241>

Tradução de

Guilherme Cunha Ribeiro
guillc.ribe@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2783-2355>

Resumo: Além de explorar o próprio gênero editorial *porte-feuille*, a partir de casos franceses do séc. XVIII, este artigo discute três práticas que evidenciam as maneiras como o livro atua como um objeto capaz de conter diferentes elementos materiais: “Matéria impressa dentro de livros impressos” discute especialmente a presença de gravuras e mapas em livros impressos; “Páginas para escrever em livros impressos” nos revela todo um universo fascinante das páginas apagáveis introduzidas dentro de livros impressos para anotações e comentários pessoais; “Coisas esquecidas em livros” nos dá a ver a relação entre o leitor e os objetos que acompanham a leitura a partir dos rastros deixados nas páginas dos livros. Essas categorias não apenas discutem a multifuncionalidade do livro, mas também destacam a relevância cultural e histórica da manutenção das formas dos textos e de outros materiais do passado, neles contidos.

Palavras-chave: portfólio; *porte-feuille*; páginas apagáveis; objetos esquecidos; Desnos; almanaque; materialidade dos textos.

Abstract: In addition to exploring the editorial genre *Porte-feuille*, primarily through French cases from the 18th century, this article discusses three practices that highlight how the book functions as an object capable of containing different material elements: “Printed materials within printed texts” particularly addresses the presence of engravings and maps; “Scribal texts in printed books” reveals a fascinating universe of erasable pages introduced within printed books for notes and personal comments; “Things lost in books” uncovers the relationship between the reader and the objects that



accompany the reading experience. These categories not only discuss the multifunctionality of the book but also emphasize the cultural and historical significance of preserving the forms of texts and other materials contained within them.

Keywords: portfolio; *porte-feuille*; erasable pages; forgotten objects; Desnos; almanac; materiality of texts.

No princípio eram os catálogos de bibliotecas que listam numerosos livros denominados *Porte-feuilles*. O catálogo da BnF, a Bibliothèque nationale de France, menciona 210 publicações que, entre 1700 e 1799, contêm a palavra *porte-feuille* em seus títulos. A maioria dessas publicações são livros literários que coligam textos poéticos, opúsculos em prosa e *mélanges*. Frequentemente eram apresentados como textos impressos supostamente encontrados no *porte-feuille* (portfólio) de um autor: Montesquieu, du Laurens ou Voltaire. Em 1757, por exemplo, *Le Porte-feuille trouvé, ou Tablettes d'un curieux* ('Portfólio achado, ou Tabuletas de um curioso'), foi publicado como uma coleção de cartas e textos menores em dois volumes, atribuídos a Sr. de V*** – uma autoria negada por Voltaire em carta datada de 24 de fevereiro de 1757:

Trata-se de uma rapsódia que um livreiro faminto, chamado Duchesne, vende em Paris sob meu nome. É uma nova velhacaria no comércio das livrarias. Comunicam-me que três quartos desta coleção são feitos de textos nos quais não tenho parte, e que o restante é saqueado de edições do meu trabalho e inteiramente desfigurado (Notice [...], [1757]).¹

Porte-feuille também pode ser o título de almanaques (em 1787, Didot imprimiu um *Almanach nécessaire ou Porte-feuille de tous les jours* ['Almanaque necessário, ou Portfólio de todos os dias'], no ano de 1788), de revistas (por exemplo, *Le Porte-feuille hebdomadaire* ['O Portfólio hebdomadário'], impresso em Bruxelas entre 1767 e 1771) ou de obras pedagógicas (*Le Porte-feuille des enfans* ['O Portfólio das crianças'] é uma obra enciclopédica publicada em vinte fascículos, entre 1784 e 1797).

Em uma escala mais modesta, a Biblioteca da Universidade da Pensilvânia também possui seus *porte-feuilles*, apresentados como textos publicados reunidos por um indivíduo em particular (*Le Porte-feuille de Monsieur L. D. F.**** ['O portfólio do Senhor L. D. F.'], 1764; *Le Portefeuille d'un homme de goût ou l'esprit de nos meilleurs poètes* ['O portfólio de um homem de bom gosto, ou o espírito de nossos melhores poetas'], 1770; *Le Portefeuille d'un exempt de police* ['O portfólio de um oficial da lei'], 1785) ou por um personagem ficcional (*Le Portefeuille de Compère Matthieu* ['O portfólio do Compadre Matthieu'], 1791).

¹ "c'est une rapsodie qu'un libraire affamé, nommé Duchesne, vend à Paris sous mon nom. C'est un nouveau brigandage de la librairie. On me mande que les trois quarts de ce recueil sont composez de pièces auxquelles je n'ay nulle part et que le reste est pillé des éditions de mes ouvrages et entièrement défiguré".

Todas as traduções deste artigo foram feitas pelo tradutor.

Logo, uma primeira questão: o que era um *porte-feuille* na França do começo dos tempos modernos? Em 1680, para o *Dictionnaire français* de Richelet, um *porte feuille* é “um trabalho de encadernador, composto de duas folhas de cartão cobertas com pergaminho, [...] ou marroquim, com alguns embelezamentos de douração na capa. [Un beau porte feuille.]” (1680, p. 192).² Dez anos depois, Furetière definiu em seu *Dictionnaire Universel* o *porte-feuille* como “um cartão duplo coberto por pergaminho, carneira, vitela, marroquim ou chagrin marrom, o qual abre & fecha, & em cuja abertura se pode carregar folhas, papéis, impressões, sem danificá-las” (1690, v. III, p. 184).³ Mais brevemente, em 1694, o *Dictionnaire de l'Académie française* se refere ao *portefeuille* como “um cartão dobrado em dois, coberto por alguma pele ou algum tecido, usado para carregar folhas de papel” (1694, p. 278).⁴

Segundo o *Oxford English Dictionary*, a palavra, definida como “uma caixa ou pasta resistente contendo papéis, impressões, ilustrações, mapas, etc.” (Portefeuille, c2024)⁵, foi tomada de empréstimo diretamente do francês, mas com distintas grafias nos exemplos fornecidos pelo dicionário: *Portefoile* em 1671; *Portefeuille*, sem separação, em 1699 – “He showed his Portefeuelles in Folio, of Red Spanish Leather finely adorned” (“Ele mostrou seus *portefeuelles* in-fólio de couro espanhol vermelho finamente ornado”) –; ou *Port-feuille*, com hífen, em 1756 – “Attend me with my Port-feuille, and read, while I dress, those Remarks I made in my last Voyage” (“Espere-me com meu *port-feuille* e leia, enquanto me visto, as anotações que fiz em minha última viagem”). As duas últimas citações aparecem em livros dedicados a viagens para Paris. *Porto Folio* em 1713, ou *portfolio* em 1781, evitavam a palavra francesa para designar o mesmo objeto.

Livros e portfólios eram objetos muito similares. Eram encadernados com os mesmos materiais, desde a simples carneira até o prestigioso marroquim. Reuniam folhas e papéis, e agrupavam textos impressos ou manuscritos. Talvez essa seja uma razão para tomar a designação do livro como *porte-feuille* em seu valor de face, e considerar os diferentes documentos inseridos no interior de alguns livros: materiais impressos, textos escritos à mão e demais coisas. Ao acolhê-los, alguns livros, mesmo sem a palavra, tornaram-se genuínos portfólios.

1 Matéria impressa dentro de livros impressos

Em um livro, a presença de matéria impressa além das páginas de seu texto consistia primeira e principalmente em imagens. Uma transformação essencial na morfologia do livro foi a mudança das xilogravuras, as quais podiam ser colocadas no mesmo molde da composição tipográfica e impressas no mesmo ateliê, para as gravuras em cobre, impressas em prensas distintas e em um ateliê diferente, aquele do impressor em talhe-doce. As consequências dessa mudança foram importantes. Gravuras em chapas de cobre aumentaram o custo da produção, e consequentemente o custo dos livros; mas, acima de tudo, elas implicaram a

² “un ouvrage de Relieur, composé de deux ais de carton, couverts de parchemin, [...] ou de maroquin avec quelques enjolivements de doreur sur la couverture. [Un beau porte feuille.]”

³ “un carton double couvert de parchemin, basane, veau, marroquin ou chagrin, qui s'ouvre & qui se ferme, & dans l'ouverture duquel on peu porter des feuilles, des papiers, des étampes sans les gêter.”

⁴ “Carton plié en deux couvert de peau ou de quelque étoffe, servant à porter des feuilles de papier.”

⁵ “a case or stiff folder holding papers, prints, drawings, maps, etc.”

separação entre imagens e texto. Na maior parte dos casos, as imagens tinham de ocupar um espaço próprio: frontispícios, páginas inteiras, *hors-textes* ou inserções. Assim, ilustrações se tornam um suplemento ao texto. Elas mostram o que o texto não pode narrar (por exemplo, a simultaneidade das ações ou eventos), ou revelam sentidos apenas latentes nas palavras escritas. Numa verdadeira ortodoxia derridiana, esse suplemento iconográfico frequentemente se tornou um substituto textual, quando a imagem fixou a obra na memória e na imaginação, como foi o caso com Dom Quixote.

Mapas dentro de obras de ficção são um exemplo particular da presença de matéria impressa em livros impressos.⁶ Essa presença pode tomar muitas formas. Podem aparecer como um folheto inserido em cada exemplar da edição. É esse o caso da “Carte de Tendre” (‘Mapa de Ternura’) inserida entre as páginas 397 e 398 das edições de 1654 e 1660 de *Clélie*, da Mademoiselle de Scudéry. Essa inserção é anunciada no próprio texto: “Depois dessas palavras, Céleste efetivamente entregou o mapa que se segue a esta página para a princesa de Léontins, que ficou agradavelmente surpresa” (Scudéry, 1654, p. 396-397)⁷ – uma agradável surpresa compartilhada pelo leitor do romance, que descobre, no seu livro, o mapa descrito no texto. Esse também é o caso do mapa da Espanha mostrando os itinerários das três *salidas* de Dom Quixote, inserido nas edições de Madrid, publicadas por Joaquín Ibarra, da Academia Real, em 1780 e 1782, assim como na edição de 1797-98, impressa por Gabriel Sancha.

Mapas também podem ocupar páginas inteiras do livro. Esse é o caso da ilha de *Utopia*, impressa nas edições de Louvain, de 1516, e de Basel, de 1518, do livro de Thomas More. Ou o caso das viagens de Robinson Crusoé desenhadas no mapa-múndi que abre a quarta edição do livro, de 1719. Uma *Carte du Royaume d'Amour* (‘Mapa do Reino do Amor’) foi acrescentada ao texto sem mapa de Tristan l’Hermite em 1658; e a *Carte du Royaume de Coquetterie* (‘Mapa do Reino da Coqueteria’) ao texto do Abade d’Aubignac impresso em 1654.

Um livro também se tornava uma espécie de portfólio de textos impressos quando reunia na mesma encadernação vários textos que tinham sido impressos separadamente, e que eram associados pela vontade do dono do livro. A cultura impressa herdou das miscelâneas medievais a prática de reunir, em um único livro, vários textos e obras. Como Armando Petrucci (1986, p. 173-187) assinalou, miscelâneas eram a forma dominante do livro manuscrito para todos os gêneros textuais, com exceção das obras dos Pais e Doutores da Igreja, dos textos das autoridades antigas ou dos códigos legais. Miscelâneas permaneceram essenciais, no começo dos tempos modernos, para preservar os folhetos soltos, sempre ameaçados de destruição por sua fragilidade.

Como demonstrou Jeffrey Todd Knight (2013), as razões para associar vários textos impressos no mesmo livro se referem a diferentes modalidades de intertextualidade (nesse caso uma intertextualidade material, e não apenas discursiva). A primeira razão é temática. Em um volume datado de 1639, preservado na Folger Library, a primeira parte de *Henry IV* e o *Richard III* de Shakespeare são associados com treze outras peças, todas concernentes às vidas (e mortes) de soberanos e homens ilustres (Knight, 2013, p. 65-68). Em outro volume da Biblioteca Folger, duas peças estão encadernadas juntas: *The Late and Much Admired Play*,

⁶ Remetemos o leitor à recente publicação: CHARTIER, Roger. *Cartes et fictions (XVIe-XVIIIe siècle)*. Paris: Editions du Collège de France, 2022 (tradução em português: *Mapas e ficções: Séculos XVI a XVIII*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2024).

⁷ “A ces mots Celere donna effectivement la Carte qui suit cette page, à la Princesse des Leontins, qui en fut agreablement surprise”.

Pericles, Prince of Tyre ('A última e mui admirada Peça, Péricles, Príncipe de Tiro'), de William Shakespeare, e *The Queenes Arcadia. A Pastorall Trage-comedie* ('As Rainhas Arcadia. Uma Tragicomédia Pastoral'), de Samuel Daniel (cujo nome não aparece na folha de rosto). Nesse caso, é o gênero tragicômico, com suas possíveis implicações políticas, que pode ter associado os dois textos. Finalmente, a intertextualidade material pode ser regulada pela estética (Knight, 2013, p. 75-77). Em um livro da British Library, o poema *Rape of Lucrece* ('O estupro de Lucrecia') de Shakespeare é encadernado com quatro poemas impressos de inspiração ovidiana, e com algumas canções de amor e epigramas eróticos escritos à mão – um exemplo desses livros híbridos que reúnem publicação escrita e impressa (Knight, 2013, p. 80-81).

O livro enquanto livreria portátil permaneceu uma realidade durante os séculos XVII e XVIII. Por exemplo, em 1698, uma tradução francesa da 'Breve relação da destruição das Índias', de Las Casas, foi publicada em Amsterdam, com o título de *Relation des Voyages et des Découvertes que les espagnols ont fait dans les Indes Occidentales* ('Relação das viagens e descobertas que fizeram os espanhóis nas Índias Ocidentais'). A relação é estranhamente apresentada como um relato de viagem: "Os territórios conhecidos da América são tão bem descritos que não temos dúvida do prazer que será lê-lo" (Las Casas; Montauban, 1698).⁸ Essa surpreendente atribuição genérica é reforçada pela publicação, no mesmo livro, de outro relato de viagem: a *Relation curieuse des voyages du sieur Montauban en Guinée* ('Curiosa relação das viagens do Senhor Montauban na Guiné'), em 1695. Os dois "relatos de viagens" foram impressos em paginação contínua e constituem um só livro destinado aos amadores do gênero.⁹ Porém, alguns leitores poderiam incluir também um terceiro texto em seu exemplar da tradução de Las Casas. Essa terceira obra, publicada também em Amsterdam, em 1698, pelo mesmo livreiro, Jean Louis de Lorme, intitulava-se *L'Art de voyager utilement* ('A arte de viajar utilmente'). A obra deveria ou poderia ser encadernada com os dois outros textos, se o leitor assim desejasse. O editor explicou:

Se nós o tivéssemos recebido um pouco antes, nós o teríamos reunido à *Relation des Découvertes & des Voyages des Espagnols dans les Indes Occidentales* ['Relação das Descobertas & Viagens dos Espanhóis nas Índias Ocidentais']: mas, tendo julgado que ele bem poderia ficar só, nós o imprimimos em mesmo tamanho; assim, aqueles que desejarem adicioná-lo podem fazê-lo com facilidade (Lorme, 1698).¹⁰

Foi isso o que fez o dono de um exemplar da *Relation* presente na Biblioteca da Universidade da Pennsylvania.¹¹

Podemos assumir que livros constituídos como bibliotecas portáteis ou portfólios eram mais numerosos do que as coleções contemporâneas sugerem. Nos séculos XIX e XX, miscelâneas foram frequentemente desencadernadas para separar as obras de autores famosos de seus vizinhos menos canônicos.

⁸ "Les pays connus de l'Amérique y sont si bien décrits, qu'on ne doute pas qu'il ne se fasse lire avec plaisir."

⁹ Trata-se da publicação: Las Casas e Montauban, 1698.

¹⁰ "Si on l'avoit reçu un peu plût-tôt, on l'auroit joint à la *Relation des Découvertes & des Voyages des Espagnols dans les Indes Occidentales*: Mais ayant jugé qu'il pouvoit bien se produire tout seul, on l'a imprimé de la même grandeur, afin que ceux qui souhaiteront de l'y joindre le fassent aisément."

¹¹ Trata-se do exemplar: University of Pennsylvania, Kislak Center for Special Collections, Dechert Collection SC5 C2648 Eh698m.

2 Páginas para escrever em livros impressos

O livro impresso se consolidou ainda mais como portfólio ao incluir textos manuscritos. Sua presença foi facilitada tanto pela inserção de páginas em branco, entre as impressas, quanto pela existência de molduras impressas em algumas páginas, oferecendo espaços em branco para a escrita, como faziam os *memorandum books* e os *pocket diaries* na Inglaterra, ou, como Lodovica Braida (2023, p. 299-322) revelou, almanaques e agendas na Itália do século XVIII, com a divisão da página entre os diferentes momentos do dia (manhã, tarde, noite).

Além disso, em toda a Europa, alguns objetos impressos abrigam páginas apagáveis. Como a recente pesquisa de Peter Stallybrass nos English National Archives mostrou, a nova tecnologia que introduzia folhas de pergaminho ou papel cobertas com uma mistura de gesso e cola, permitindo escrever com um estilete e apagar o que tinha sido escrito, foi desenvolvida nos Países Baixos desde o fim do século XV. O dado essencial para o meu argumento é o fato de que a grande maioria das tabuletas de escrita era encadernada com materiais impressos. Era o caso do *Specie-Boeken* holandês, no século XVII, de que alguns exemplares eram encadernações-carteiras. Era o caso das *Writing Tables with a Kalender for XXIIII Years* ('Tabuletas de escrita com um calendário para XXIIII anos'), impressas em Londres por Adams e Triplet, entre 1577 e 1628 (Stallybrass, Chartier, Mowry, Wolfe, 2004). Também era o caso na França do século XVIII.

Sem dúvida, como os *librillos de memoria* espanhóis, as tabuletas apagáveis francesas não eram necessariamente inseridas dentro de um livro impresso. Em 1690, o *Dictionnaire de Furetière* possuía uma entrada *Tablettes*: "também diz-se de uma espécie de livro pequeno ou agenda que se coloca no bolso, que tem algumas folhas [...] de papel ou pergaminho preparado, sobre as quais se escreve com um estilete ou lápis o que deve ser lembrado" (Furetière, 1690, v. III, p. 606).¹² É em tal tabuleta que Clélie, no romance de Scudéry, desenhou a "Carte de Tendre", o 'Mapa de Ternura':

uma fantasia que a divertiu ocupou seus pensamentos, ela pensou que poderia mesmo divertir os outros; tanto que, sem hesitar um só momento, ela pegou as Tabuletas e escreveu [na verdade, desenhou um mapa] o que de maneira tão agradável tinha imaginado; e o executou tão rapidamente que em meia hora havia começado e terminado aquilo em que pensara (Scudéry, 2006, p. 92).¹³

As *tablettes* de Clélie não eram um livro ou um *porte-feuille*. Contudo, mais tardiamente que na Inglaterra, a França também teve seus próprios Adams e Triplets: o livreiro e editor parisiense do século XVIII Louis Charles Desnos. Em 1770, o *Journal des Savants* celebrou a nova invenção de Desnos. O artigo começava recordando a ampla circulação e uso das tabuletas: "Todos sabem que tabuletas são cobertas com um gesso preparado & unido de tal forma que se pode escrever ou tracejar com uma agulha o que se deseja preservar. Essas

¹² "se dit aussi d'une espèce de petit livre ou agenda qu'on met en poche, qui a quelque peu de feuilles [...] de papier ou de parchemin préparé, sur lesquelles on écrit avec une touche ou un crayon les choses dont on veut se souvenir."

¹³ "[...] il lui passa dans l'esprit une imagination qui la divertit elle-même, elle pensa qu'elle pourrait effectivement divertir les autres ; si bien que sans hésiter un moment, elle prit des tablettes, et écrivit ce qu'elle avait si agréablement imaginé ; et elle l'exécuta si vite, qu'en une demi-heure elle eut commencé, et achevé ce qu'elle avait pensé."

Tabuletas foram até o momento consideradas tão convenientes que poucos não a possuem” (Prospectus [...], 1770, p. 877-878).¹⁴ Mas, prosseguia o artigo, as tabuletas que circulavam eram espessas e rígidas, e não podiam ser facilmente reutilizadas. E este argumento justificava a importância da invenção de Desnos:

[ele] produz Tabuletas portáteis de vários tamanhos, na forma de manuais ou livretos de bolso. [...] Essas tabuletas [...] possuem uma agulha ou estilete. Isso nada mais é que uma ponta de um singular metal que torna os caracteres mais legíveis e perfeitos sobre o papel; mas a escrita pode ser facilmente removida com farelos de pão, de tal modo que, uma vez adquiridas, as Tabuletas serão usadas todo ano; bastará renovar o almanaque a cada ano (Prospectus [...], 1770, p. 877-878).¹⁵

Como era anteriormente o caso com as tabuletas apagáveis holandesas e inglesas, as *tablettes* de Desnos poderiam ou deveriam ser associadas com uma obra impressa: o almanaque.

De fato, Desnos (que se apresentava como “Livreiro & Engenheiro-Geógrafo” [Desnos, 1770] do Rei da Dinamarca),¹⁶ inseriu suas *tablettes* apagáveis dentro de todas as suas publicações. Em seu *Catalogue des Almanachs et Étrennes Géographiques* (“Catálogos dos almanaques e Lembranças de ano-novo geográficos”), publicado em 1770, as “*tablettes économiques*” (Desnos, 1770) (“econômicas” porque podem ser reutilizadas) são inseridas em categorias diferentes de almanaques (*Almanach géographique* [‘Almanaque geográfico’], *Almanach parisien* [‘Almanaque parisiense’], *Almanach des Postes* [‘Almanaque dos Correios’]), em livros de contar (*Petit barême ou Livre des comptes faits* [‘Pequeno barema ou livro das tabuadas’]) ou em guias de viagem (*Petit Indicateur fidèle ou Itinéraire general* [‘Pequeno indicador fiel ou Itinerário geral’]).

Em 1783, o *Catalogue général d’almanachs* (“Catálogo geral dos almanaques”) de Desnos anunciou 121 novos livros:

todas essas Novidades são encadernadas em marroquim, adornadas com Impressões ou Mapas relacionados a cada assunto, fornidas com uma tabela de Perdas & Ganhos, ou não, à escolha dos Compradores, compostas em um papel de sua invenção, tão bonito quanto o de Holanda, no qual se pode escrever, tão distintamente quanto com uma caneta, com o Estilete de um mineral adaptado a essas Tabuletas, & que compõe seu fechamento: é possível apagar os caracteres de quinze a vinte vezes, com uma pequena esponja embebida em água, sem alterar o papel (Desnos, 1783).¹⁷

¹⁴ “Tout le monde sait que les Tablettes sont enduites d’un plâtre préparé & uni de façon que l’on peut avec l’aiguille écrire ou tracer ce que l’on désire de conserver. Ces Tablettes ont été jusqu’ici trouvées si commodes, qu’il eut peu de personnes qui n’en soient pourvues.”

¹⁵ “Il en fait des Tablettes portatives de différentes grandeurs, en forme de manuel ou de livrets de poche. [...] Ces Tablettes [...] renferment une aiguille ou stylet. Celui-ci n’eut autre chose, qu’une pointe d’un métal singulier, qui fait fortir sur ce papier les caractères d’une manière très lisible & parfaite ; mais l’écriture pourra s’enlever facilement avec de la mie de pain, de sorte que l’emplette des Tablettes une fois faite, elles serviront chaque année ; il suffira d’y renouveler tous les ans l’Almanach.”

¹⁶ “Libraire et Ingénieur-Géographe”.

¹⁷ “toutes ces Nouveautés font reliées également en maroquin, ornées d’Estampes ou de Cartes relatives à chaque sujet, garnies d’un Perte & Gain, ou non, au choix des Acquéreurs, composées d’un papier de son invention, aussi beau que celui de Hollande, sur lequel on peut écrire aussi distinctement qu’avec la plume, avec le Stylet d’un minéral sans fin, adapté à ces Tablettes & qui en fait la fermeture : on peut en effacer les caractères quinze à vingt fois de fuite avec une petite éponge imbibée d’eau, sans que le papier en soit altéré.”

A Biblioteca da Universidade da Pensilvânia adquiriu exemplares de quatro publicações de Desnos. A primeira é um volume que associa, como em um portfólio, uma *Table d'escompte à cinq pour cent* ('Tabela de cálculos a cinco por cento') (1778) calculando as quantias devidas a 5% de juros sobre somas diferentes em períodos diferentes, concebida para mercadores, banqueiros, caixeiros e outras pessoas de negócios, com *Le Secrétaire des Dames et des Messieurs* ('O secretário das Senhoras e Senhores') com suas "políticas e econômicas" (Desnos, 1778) tabuletas apagáveis. O *Secrétaire* permitia apagar e escrever as perdas e ganhos de meses e anos, as visitas a fazer, a agenda da semana, reuniões, pensamentos, piadas, poemas fugitivos como epigramas e madrigais, conversas, endereços etc. Ao fim do pequeno livro, algumas páginas em branco sem qualquer moldura impressa permitiam anotar (e apagar) "*ce que l'on désirera*", o que se desejar (Desnos, 1778).

O segundo livro de Desnos, publicado em 1795, encadernava juntos o *Secrétaire des Dames*, um calendário para 1786 e um almanaque poético enfeitado com impressões representando 49 deuses, deusas ou eventos mitológicos, referidos às *Metamorfoses*, de Ovídio, ilustradas no seu frontispício. O título curiosamente indicava que as tabuletas permitiam escrever durante a noite sem luz e durante o dia, com estiletes adaptados a elas, pensamentos, memórias, apontamentos, notas galantes, cartas, discursos agradáveis etc. A folha de rosto indicava que as tabuletas poderiam ser reutilizadas "dez ou doze vezes" (Desnos, 1795).

Em nosso terceiro livro, o *Secrétaire* apagável e um calendário anual também eram encadernados junto de um outro almanaque poético: *Les Muses à Cythère, ou les Plaisirs de toutes saisons* ('As musas em Citera ou os Prazeres de todas as estações'), publicado por Desnos em 1788. Em um "Avis" impresso neste livro composto de "Canções, Romanças e Vaudevilles" (Desnos, 1788)¹⁸ (e entre eles alguns de Marmontel e Beaumarchais), Desnos reconheceu a competição de "almanaques mais ou menos similares aos seus", mas salientou que, na verdade, eles eram muito diferentes, pela escolha das gravuras e canções, pela natureza do papel e do estilete, pela elegância da encadernação. Para provar sua afirmação, ele convidou os leitores a virem até a sua livraria, na rua Saint-Jacques, sob o símbolo do Globo, ou a consultar o catálogo dos seus almanaques, "uma pequena brochura de cerca de cem páginas" (Desnos, 1788).

O último dos livros de Desnos recentemente adquiridos pela Biblioteca da Universidade de Pensilvânia colige quatro objetos impressos distintos. É um bom exemplo de livro usado como um *porte-feuille* de pequeno formato. Os dois primeiros textos são o *Almanach du Bon Français ou Bons Mots et Anecdotes d'Henri IV* ('Almanaque do bom Francês ou Piadas e anedotas de Henri IV') (88 páginas), seguido do *Parfait modèle orné d'Estampes représentant les principales Scènes de la Partie de chasse de Henri IV* ('Perfeito modelo ornado de estampas representando as principais Cenas de uma Caçada de Henri IV') (28 páginas com 12 gravuras). Os dois textos, dedicados ao mais *philosophe* e mais popular rei francês, foram anunciados no catálogo de 1783 dos almanaques de Desnos. Eles associaram uma compilação dos *bons mots* de Henri IV, piadas ou apotegmas – um gênero impresso que surgiu desde o começo do século XVII –, com fragmentos de uma peça escrita por Charles Collé, criada em 1764 e frequentemente encenada com muito sucesso durante o reinado de Luís XVI. Os dois textos são seguidos de 48 páginas apagáveis do *Secrétaire des Dames et des Messieurs* dividido em 10 páginas para os dias da semana, 24 páginas para anotar os ganhos e as perdas, ou rendas e despesas de cada dia dos doze meses do ano, e 14 páginas deixadas em branco (Desnos,

¹⁸ "Chansons, Romances, Vaudevilles".

1783). Finalmente, no exemplar da Biblioteca da Universidade de Pensilvânia o leitor das pias de Henri IV e usuário das tabuletas apagáveis acrescentou um calendário para 1792, dez anos após a publicação do almanaque.

As tabuletas de Desnos, que provavelmente acompanharam todos os seus almanaques, acrescentam mais um capítulo à *longue durée* das tecnologias de escrita apagável e dos livros híbridos que, como os *porte-feuilles*, associavam textos impressos, páginas preparadas para receber anotações manuscritas, e textos pessoais livres.

3 Coisas esquecidas em livros

Textos impressos ou manuscritos inseridos dentro de ou encadernados em livros impressos não eram os únicos objetos que constituíam o livro como um portfólio. Os leitores deixavam muitos objetos nos livros que liam ou possuíam. Achá-los não é tarefa fácil para a investigação histórica. Isso suporia descrições em catálogos de bibliotecas dando conta dos objetos encontrados na encadernação, ou o exame de centenas, senão milhares, de exemplares. Tal pesquisa sugere duas comparações. A primeira é com os arquivos judiciais e policiais parisienses do século XVIII, nos quais Arlette Farge (2003)¹⁹ se deparou com cartas de jogo, penas, amostras de tecido, e até mesmo um saco de trigo. A segunda comparação pode ser feita com os objetos encontrados pelos bibliotecários atuais em livros tomados de empréstimo e devolvidos nas bibliotecas públicas.

O site do projeto “Found in a library book” apresenta uma galeria digital de 616 objetos encontrados desde 2013, por Sharon McKellar, uma bibliotecária da Oakland Public Library, na Califórnia. Sua coleção reuniu cartas, notas, desenhos, fotos, listas, marca-páginas.²⁰ Alguns desses itens foram apresentados em uma exposição na Biblioteca Principal de Oakland, em 2022, e são apresentados no *blog* de Sharon McKellar.²¹ Ela define sua coleção como um mecanismo de *storytelling*: “você pode olhar para um objeto, seja uma foto ou um pedaço de papel, e pode pensar em todas as possíveis pessoas que podem ter trazido isso para o nosso espaço, e por que e como ele chegou ali, e qual é a sua história” (Page, 2022).²² A iniciativa recebeu cobertura midiática muito ampla, com um artigo no *Washington Post*, relatos da CBS e da NPR, e artigos em periódicos de 11 países (dentre os quais *Ouest-France*) durante o ano de 2022.

A iniciativa de Sharon McKellar inspirou ações comparáveis em muitas bibliotecas. Um artigo publicado no jornal de Montréal *La Presse*, em 7 de novembro de 2022, descreveu a coleta que fizeram os bibliotecários da *Grande Bibliothèque de Montréal* e das bibliotecas públicas da cidade de Québec nos livros devolvidos por seus leitores assim que chegavam à esteira rolante da sala de triagem (Sarrazin, 2022). O resultado é um conjunto mais variado de objetos que o coletado em Oakland: é claro, cartões-postais, fotos, receitas, bilhetes de avião ou metrô, *post-its*, notas, cheques, mas também pacotes de notas, um passaporte,

¹⁹ Ver também: FARGE, Arlette. *Le Goût de l'archive*. Paris : Seuil, 1989 (tradução em português: *O sabor do arquivo*. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009).

²⁰ Ver: Found [...], c2024.

²¹ Ver: sharonmckellar.com.

²² “you can look at an object, whether it’s a photo or a scrap of paper, and you can think of all the possible people who might have brought that into our space, and why and how it got here, and what their stories are”.

lápiz, quadrados de papel higiênico, vários produtos alimentícios, dentadura extraviada, um bigode falso, camisinhas, ou um pacote de certo pó branco... Um bibliotecário afirmou: “É legal ver que as pessoas estão se apropriando dos livros, trazendo-os à vida em suas casas, e que eles são parte de seu cotidiano” (Sarrazin, 2022).²³ Como disse outra bibliotecária, Sophie Burelle, o objeto esquecido

[n]os conta aonde foram os livros, onde foram lidos, por onde o livro viajou. A folha colorida colocada entre as páginas pode evocar uma caminhada agradável num parque, no outono. Alguns marca-páginas podem ser cartões-postais enviados da Grécia. Eles nos fazem viajar (Sarrazin, 2022).²⁴

Uma coleção similar de objetos encontrados em livros começou em 2020, na Biblioteca Municipal de uma quieta cidade suíça, Vevey.²⁵ Em quatro anos, 1003 objetos foram coletados: cartas de amor, bilhetes de loteria, fotografias, cartões-postais, brinquedos, notas de banco, drogas e camisinhas. Considerados como documentos históricos sobre o cotidiano contemporâneo, esses objetos serão depositados nos arquivos da cidade.

A busca por coisas deixadas em livros não está limitada às bibliotecas públicas. A Biblioteca da Universidade da Virgínia, em 2016, começou a examinar cada livro de suas estantes que tenha sido publicado antes de 1923.²⁶ O principal objetivo desse “Book Traces Project” era coletar marginália de leitores comuns, mas o resultado também foi a descoberta de muitos objetos deixados em livros: folhas em um exemplar de *Life of Abraham Lincoln*, publicado em 1865; um chumaço de cabelo cinza na edição de 1851 de *The Works of Lord Byron*; ou pequeníssimas roupas de bonecas de papel em *The Works of Sir Walter Scott*, publicado em 1853 (Temple, 2016).

Alguns livreiros compartilham a paixão por coisas encontradas dentro de livros. Em Otego, no estado de Nova York, a livraria independente de Michael Popeck coletou objetos do tipo, apresentados em seu *website* Forgotten Bookmarks e no seu *scrapbook* publicado em 2011, *Forgotten Bookmarks: A Bookseller's Collection of Odd Things Lost Between the Pages* (Popeck, 2011). Entre suas coisas favoritas encontradas dentro de livros estão notas de Monopoly, amostras de tecidos (como nos arquivos de Arlette Farge), chaves, uma certidão de casamento encontrada numa Bíblia de 1850, gravuras, vestígios de arma em um livro usado como alvo para práticas de tiro, receitas, fotos, mapas e cartas, mas sobretudo (e demasiadas) flores e folhas: “Folhas prensadas são, de longe, o mais comum. Eu na verdade parei de recuperá-las, elas são frágeis demais para guardar” (15 Forgotten [...], 2018).²⁷

Alguns autores também se interessaram por coisas perdidas em livros. Em seu artigo ‘As coisas estranhas que encontrei dentro de livros’, publicado na *Paris Review* em 2019,

²³ “C’est beau de voir que les gens s’approprient les livres, les font vivre à la maison, et que le document fait partie de leur quotidien.”

²⁴ “Ça raconte la destination des livres, où ils ont été lus, où le livre s’est promené. La feuille aux belles couleurs insérée entre les pages peut évoquer l’agréable promenade dans un parc en automne. Certains signets peuvent être des cartes postales revenues de Grèce. Ça nous sert de voyage”.

²⁵ Ver: Les objets [...], 2024.

²⁶ Ver: Book Traces @ UVA, University of Virginia Library.

²⁷ “Pressed leaves are by far the most common. I’ve actually stopped saving them, they are too fragile to keep”. Ver: 15 Forgotten [...], 2018.

Jane Stern indicou: “Muitos dos livros usados que compro têm algo neles deixado por seus antigos donos”.²⁸ multas de trânsito, etiquetas de bagagem, canhotos de ingressos, notas fiscais de mercados, um cheque de 375 dólares, faixas de participação em eventos esportivos ou *shows* caninos (Stern, 2019). Todas essas “coisas estranhas” fizeram-na recordar sua experiência dolorosa de trabalho, quando era estudante, como “limpadora de livros”²⁹ da Biblioteca Sterling em Yale:

É um fato estranho, mas verdadeiro, que pessoas que ficam em bibliotecas à espreita das estantes sejam frequentemente desrespeitosas com os livros. Esse é um modo educado de explicar que meu trabalho no porão era limpar eflúvios humanos dos livros. [...]

Eu não sinto nostalgia por meus dias como limpadora de livros no porão. Embora o material de leitura promocional que compro frequentemente exiba toques humanizados largados entre as páginas, eu nunca me deparei com um livro tão manchado como os da Biblioteca de Yale (Stern, 2019).³⁰

Encontrar, no começo dos tempos modernos, coisas que podem ter sido esquecidas em livros é uma tarefa difícil, mas os rastros deixados para trás são possíveis de recuperar. É o caso, por exemplo, das marcas de vários objetos nas páginas dos exemplares das edições dos quartos e fólhos shakespearianos, encontradas por Jean-Christophe Mayer:

Entre os traços de presença e atividade humana que as primeiras edições de Shakespeare carregam, encontrei (nos trezentos exemplares que olhei) botões, marca-páginas, pinos, mas também traços do cabelo de um tipógrafo caído sobre a página no momento da impressão, e posteriores manchas deixadas por tesouras enferrujadas, chaves, óculos, moedas, e até mesmo manchas redondas deixadas por vários receptáculos que continham bebidas diferentes, incluindo as de vinho clarete, e uma variedade de queimaduras, provavelmente oriundas de centelhas vindas de uma lareira ou de alguém fumando com o livro nas mãos (Mayer, 2012).

Impressões de tesouras e óculos também são os vestígios encontrados por Peter Blayney nos exemplares do *Primeiro Fólio*, mas ele introduziu uma diferença entre elas: óculos eram deixados nos livros por seus leitores, enquanto tesouras “não são suficientemente utilizadas como apoio de leitura para justificar a repetida frequência com que são encontradas em livros antigos. A pessoa que mais provavelmente largou um par de tesouras em um livro devia ser seu encadernador original” (Blayney, 1991, p. 32-33).

Estabelecer um *corpus* de traços materiais ou textuais e representações iconográficas de coisas perdidas ou deixadas em livros, durante o período medieval ou o início dos tempos modernos, seria uma tarefa útil – e prazerosa. Seria possível partir da presença de flores deixadas inadvertida ou intencionalmente entre as páginas. Flores são uma linguagem usada

²⁸ “Many of the used books I buy have something left inside of them by their former owners”.

²⁹ “book cleaner”.

³⁰ “It is a strange but true fact that people who lurk around the library stacks are often disrespectful of the books. This is a polite way of explaining that my basement job was to clean human effluvium out of the books. [...] I am not nostalgic for my days as a basement book cleaner. Although the discount reading material I buy often has humanizing touches left between the pages, I have never come across a book as soiled as the ones at the Yale library.”

por Ofélia³¹ e, no século XIX, como Alessandra El Far (2022) demonstrou em seu livro *A linguagem sentimental das flores*, manuais de civilidade, jornais e artigos de revistas, ou romances ensinaram a equivalência entre flores e sentimentos. Inserir num livro uma flor é gesto frequente, carregado de muitos sentidos, entre a inadvertência e a recordação, entre lamento e desejo. Um *corpus* textual do começo da modernidade em diante poderia incluir não apenas o alecrim, o amor-perfeito, a arruda, a margarida ou a violeta de Ofélia, mas também o poeta e cantor francês Georges Brassens ([1964] c2024):

A pequena margarida / caiu / singular / do breviário / do abade / Três pétalas de escândalo no altar / Indiscreto bem-me-quer, de onde vem? [...] Sobre a pedra / de um calvário a encontrou / e a colocou / coisa permitida / pelo céu, / sem esquivas / sobre as páginas / do missal, [...] Não, o padre não trai Maria / Que mais ninguém desconfie / Da pequena margarida³²

Mapas, *hors-textes*, páginas em branco, tabuletas para escrita apagável, caligrafias, objetos esquecidos: todos eram elementos da materialidade dos livros, e todos podem contribuir para que sejam decifrados os usos e o sentido de seus textos. Aos “elementos não verbais”,³³ como escreveu D. F. McKenzie (1985), que dão sentido a um texto (formato, tipografia, diagramação, pontuação), eles acrescentaram vários dispositivos de materialidade intertextual. Sua presença transformou as apropriações possíveis das obras, contribuiu para a mobilidade dos textos e deixou traços dos usos dos livros. Portanto, é necessário considerar livros como arquivos, como bibliotecas portáteis e, talvez, como *porte-feuilles* ou portfólios.

Referências

[HENRI IV]. *Almanach du Bon Français, ou Bons Mots & Anecdotes de la Vie d'Henri IV, dit le Grand, Roi de France et de Navarre ; suivi des principales scènes de la Partie de Chasse d'Henri IV, ornées de figures en taille douce & du Portrait de ce Prince*. Paris: Desnos, 1783.

15 FORGOTTEN Things Found Inside Books. *MessyNessy*. Cabinet of Curiosities, 28 Nov. 2018. Disponível em: <https://www.messynessychic.com/2013/11/21/15-forgotten-things-found-inside-books/>. Acesso em: 10 out. 2024.

BLAYNEY, Peter. *The First Folio of Shakespeare*. Washington D.C.: Folger Library, 1991. p. 32-33.

BRAIDA, Lodovica. Libri “ibridi” per leggere, scrivere e organizzare il tempo. Almanacchi-agenda e memorandum books nel Settecento. In: BRAIDA, Lodovica; OUVRY-VIAL, Brigitte (ed.). *Leggere in Europa*. Testi, forme, pratiche (secoli XVIII-XXI). Rome: Carocci editore, 2023. p. 299-322.

³¹ Ver: Shakespeare (2015). Ato IV, Cena V, p. 159: “Tome o alecrim, é para a lembrança”.

³² “La petite marguerite / est tombée / singulière / du bréviaire / de l'abbé / Trois pétales de scandale sur l'autel / Indiscrete paquerette, d'où vient-elle? [...] Sur la pierre / d'un calvaire il l'a trouvée / et l'a mise, / chose admise / par le ciel, / sans ambages / dans les pages / du missel. [...] Non, le prêtre n'est pas traître à Marie / Que personne ne soupçonne plus jamais / La petite marguerite.”

Ver: Brassens, [1964] c2024.

³³ “non-verbal elements”.

BRASSENS, Georges. *La Marguerite*. [S. l.] : l-hit, [1964] c2024. Disponível em: <https://l-hit.com/fr/10277>. Acesso em: 10 out. 2024.

COIGNARD, Anne-Geneviève. *Dictionnaire de l'Académie française*. Paris : Coignard, 1694. t. 2.

DESNOS, Louis Charles (ed.). *Catalogue général d'almanachs*, par le sieur Desnos, ingénieur-géographe, & libraire de sa Majesté le roi de Danemarck; à Paris, rue Saint-Jacques, au Globe, la neuvième maison au-dessus de la fontaine Saint-Severin, n° 254. Paris : Desnos, 1783. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9819143x/f1.item>. Acesso em: 10 out. 2024.

DESNOS, Louis-Charles (ed.). *Table d'escompte à cinq pour cent, utile et nécessaire à tous négociants, banquiers, caissiers et autres personnes d'affaires ; avec tablettes économiques universelles et à double usage sur lesquelles on peut écrire avec le crayon de minéral sans fin qui est adapté, aussi distinctement qu'avec la plume et on a l'avantage de pouvoir l'effacer à volonté*. Paris : Desnos, 1778.

DESNOS, Louis-Charles (ed.). *Catalogue des Almanachs et Etrennes géographiques* qui se trouvent à Paris chez Desnos, Libraire et Ingénieur-Géographe du Roi de Danemark. Paris : Desnos, 1770.

DESNOS, Louis-Charles (ed.). *Les muses à Cythère ou les Plaisirs de toutes saisons*. Chansonnier français. Elite des Chansons, Romances, Vaudevilles, & Des Auteurs les plus agréables en ces genres. Paris : Desnos, 1788.

DESNOS, Louis-Charles (ed.). *Les muses à Cythère ou les plaisirs de toutes saisons*. Chansonnier français. Suivi de : *Le Secrétaire des dames et des messieurs, ou Dépositaire fidèle & discret, et à double usage*. Composé d'un papier nouveau sur lequel on peut à l'aide d'un Stylet de minéral sans fin, adapté au livre écrire aussi distinctement qu'à la plume. Paris : Desnos, 1795.

EL FAR, Alessandra. *A linguagem sentimental das flores*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

FARGE, Arlette. *Le bracelet de parchemin : L'écrit sur soi au XVIIIe siècle*. Paris: Bayard, 2003.

FOUND in a library book. *Oakland Public Library*, Oakland, c2024. Disponível em: oaklandlibrary.org. Acesso em: 10 out. 2024.

FURETIERE, Antoine. *Dictionnaire Universel contenant généralement tous les mots français, tant vieux que modernes*. [Paris :] La Haye et Rotterdam, Arnout et Reinier Leers, 1690. v. III, p. 184.

KNIGHT, Jeffrey Todd. *Bound to Read: Compilations, Collections, and the Making of Renaissance Literature*. Philadelphia: The University of Philadelphia Press, 2013.

LAS CASAS, Bartolomé de; MONTAUBAN, Étienne de. *Relation des Voyages et des Découvertes que les Espagnols ont fait dans les Indes Occidentales ; Ecrite par Dom B. de Las-Casas, Evêque de Chiapa. Avec la Relation curieuse des voyages du Sieur de Montauban, Capitaine des Flibustiers, en Guinée l'an 1695*. Amsterdam : J. Louis de Lorme, 1698.

LES OBJETS trouvés dans les livres, fil rouge du nouveau programme de la Bibliothèque. Vevey, Vevey, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://www.vevey.ch/actualites/nouveau-programme-BiMu-2024>. Acesso em: 10 out. 2024.

LORME, J. Louis de (ed.). *L'Art de Voyager Utilement. Suivant la Copie de Paris*. Amsterdam: Chez J. Louis de Lorme, 1698.

MAYER, Jean-Christophe. *Rewriting Shakespeare: Shakespeare's Early Modern Readers at Work*. *Etudes Epistémè: Revue de Littérature et de Civilisation (XVI^e-XVIII^e Siècles)*, n. 21, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/episteme.400>.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliography and the Sociology of Texts*. London: British Library: The Panizzi Lectures, 1985.

NOTICE bibliographique. Catalogue général, *Le Porte-feuille trouvé, ou Tablettes d'un curieux*. Paris : Bibliothèque nationale de France, [1757]. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31602497b>. Acesso em: 10 out. 2024.

PAGE, Sydney. Librarian Finds Love Notes, Doodles in Books and Shares them with a Grateful Public. *The Washington Post*, Washington, 3 ago. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/life-style/2022/08/03/oakland-library-found-book-notes/>. Acesso em: 10 out. 2024.

PETRUCCI, Armando. Dal libro unitario al libro miscellaneo. In: GIARDINA, Andrea (ed.). *Società romana e Impero tardoantico*. Tradizione del classici, trasformazione della cultura. Roma-Bari: Laterza, 1986. v. IV, p. 173-187.

POPEK, Michael. *Forgotten Bookmarks: A Bookseller's Collection of Odd Things Lost Between the Pages*. New York, TarcherPerigee, 2011.

PORTEFEUILLE. In: OED, Oxford English Dictionary. Oxford: Oxford University Press, c2024. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/portefeuille_n?tab=factsheet. Acesso em: 10 out. 2024.

PROSPECTUS des Tablettes de papier nouveau. *Journal des Savants*, p. 877-878, dez. 1770.

RICHELET, Pierre. *Dictionnaire Français, contenant les mots et les choses*. Genève : Jean Herman Widerhold, 1680. v. 2.

SARRAZIN, Sylvain. De drôles d'oublis dans les livres empruntés. *La Presse*, Montréal, QC, 7 Sept. 2022. Disponível em: <https://www.lapresse.ca/societe/2022-09-07/bibliotheques/de-droles-d-oublis-dans-les-livres-empruntes.php>. Acesso em: 10 out. 2024

SCUDÉRY, Madeleine de. *Clélie, histoire romaine*. Edição de Delphine Denis. Paris : Gallimard, 2006.

SCUDÉRY, Mr. de. [Madeleine de Scudéry]. *Clélie : Histoire romaine*. Paris : Augustin Courbé, 1654.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

STALLYBRASS, Peter; CHARTIER, Roger; MOWERY, J. Franklin; WOLFE, Heather, Hamlet's Tables and the Technologies of Writing in Renaissance England. *Shakespeare Quarterly*, v. 55, n. 4, p. 379-419, Winter 2004. DOI: <https://doi.org/10.1353/shq.2005.0035>.

STERN, Jane. The Strange Things I've Found inside Books. *The Paris Review*, Paris, 27 Feb. 2019. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2019/02/27/the-strange-things-ive-found-inside-books/>. Acesso em: 10 out. 2024.

TEMPLE, Emily. Human Hair, Dolls Clothes, Love Letters and Other Strange Things Found in Old Books. *Literary Hub*, Nova Iorque, 16 Dec. 2016. Disponível em: <https://lithub.com/fascinating-marginalia-found-in-19th-century-books-from-religious-screeds-to-doll-clothes/>. Acesso em: 10 out. 2024.